

Sociologia do Café

Maurício Theophilo B. Ottoni

O título deste estudo é sintético. Café, *produto agrícola*. Sociologia, estudo dos fatos de agremiação humana societária e suas leis.

Todavia, o Café, entre nós — a palavra Café —, significa na realidade, uma INSTITUIÇÃO. Poder-se-á dizer, mesmo, que o CAFÉ, e tudo quanto em torno dele floresce e frutifica, lavoura, indústria especializada, transportes, comércio bancário, comissário, exportador, constituem a ESSENCIA BÁSICA. O ALICERCE DA VIDA SOCIAL, ECONOMICA E POLITICA DE S. PAULO E DO BRASIL, sem esquecer-se a PECUARIA E OUTRAS CULTURAS AGRICOLAS (às vezes em família agrícola, no plantio intercalado — verdadeira simbiose agrícola com base na da terra). E o orçamento de divisas? E o orçamento da República?

Porém, o CAFÉ (que já foi chamado o respeitável "General Café...") une e completa os ciclos históricos, sociológicos e econômicos do Brasil, e sua *defesa e permanência é medida de salvação nacional*.

É devido a essas considerações, que, há muito tempo, venho estudando os fenômenos econômicos, políticos, sociológicos e folclóricos ligados ao Café, dele decorrentes e por ele "estimulados".

Dê-me, o leitor, licença para explicações, necessárias e preliminares. E o velho feito de jornalista sincero, de modesto estudioso, e professor que, desde meu curso ginasial, tenho sido.

Comecemos por estabelecer as bases do nosso "bate-papo", amigo, sincero e desinteressado.

Conheço as operações da produção, do comércio, da história e da sociologia do Café.

Muito observei em utilíssimas palestras com práticos e profundos conhecedores do assunto, entre os quais destaco a respeitável figura do meu amigo Sr. Henrique Montenegro, já falecido (com quem trabalhei em Casa Comissária de Café — Santos), a do Sr. Joaquim Ferreira do Amaral ("Jequitibá" dos bons tempos), homem austero e sóbrio, um dos fundadores de Jati (devo dizer "do Jati"), o dr. Vicente de Almeida Prado, ilustre homem de negócios e muitos outros venerandos e dignos protótipos da honrada Civilização do Café.

É tempo de escrever algo dos meus estudos de mais de trinta anos (aos menos por *usocapio* tenho algum direito...). Desculpem uma pouca "verve"...

A Sociologia, estudando os fatos sociais, suas origens, sua razão de ser, o *como* eles se produzem e se repetem, explica muitas verdades, muitas realidades, e quase sempre nos esclarece sobre certos erros, cometidos, não raro, involuntariamente.

Consciosamente estudo da "Sociologia do Café" demonstrará o quanto necessita, o Café, de solidariedade recíproca dos cafeicultores; o quanto a riqueza produzida pelo Café está a exigir o desdobramento e intensificação de *forças latentes* da classe de todos quantos fazem bela e rica a terra agricultável do Brasil e assim por diante. É necessária disciplina político-cafeieira. (Menos aventura, mais técnica...).

Um estudioso de Sociologia, aliás mestre consumado, A. Carneiro Leão ("Fundamentos de Sociologia", pág. 43), explica, com clareza: "Nos Estados Unidos o problema da vida rural é de tal ordem, tem tamanho valor que há uma grande quantidade de universidades, colégios, escolas ministrando cursos intensivos a respeito. Já em 1930 havia, nesse país, 600 professores e 20.000 alunos nos cursos de sociologia rural, estudando problemas relacionados com a sociologia social, psicologia social rural, instituições rurais, influência dos diversos fatores topográficos e climáticos, comunicações, transporte, bem estar social..."

Permitam-me fazer mais uma citação: "Estudando as condições de vida do meio rural vamos tocar num ponto básico para o progresso do campo: o problema da comunicação. De vez em quando um homem de Estado solta um aforismo. DISRAELI dizia: "A saúde pública é o fundamento sobre que repousam a força e a felicidade do povo de um país. O cuidado pela saúde pública é o primeiro dever de um estadista." Um educador consciente do seu papel completaria a sentença de Disraeli juntando à saúde pública a educação do povo.

ALBERDI declara "Governar é povoar". WASHINGTON LUIS: "Governar é abrir estradas". Conforme o ponto de vista visado, procuram governantes e pensadores resumir a finalidade primordial dos governos numa dessas providências. Evidentemente indispensáveis para o progresso social, as vias de comunicação são para a zona rural uma espécie de oxigênio, condicionam o desenvolvimento econômico

e social. Uma comunidade encravada em lugar de difícil acesso está destinada a vida precária, senão à falência. Viajando o Brasil, encontramos cidades que, realmente, nunca passaram de pequenas povoações, nunca foram tocadas de civilização, pela dificuldade de comunicação e de transporte. Lugares existem em nosso país, de acesso tão penoso que o único meio de transporte é o boi, o cavalo, ou o burro.

Antes da generalização das estradas de ferro e do automóvel, a comunicação fazia-se pelas vias fluviais. A civilização norte-americana partia justamente na direção dos grandes rios. Os vales do Mississippi constituíram exemplos significativos.

No Brasil, a aventura bandeiranteir serve-se do Tietê, do Paraíba, do Rio Grande, do Paranapanema para penetrar os centros de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e Rio Grande do Sul. "Esses rios valem aos aventureiros paulistas, diz OLIVEIRA VIANA, uma verdadeira estradas duplas — uma fluvial que é a própria corrente, por onde eles deslizam as suasjangadas e canoas, cavadas a fogo no tronco das árvores seculares; outra terrestre, de margens ferazes e gramíneas, onde o caminho está feito, o pasto é natural e é grande a fertilidade".

Novos e valiosos meios de comunicação são hoje o telefone e o rádio. Compreende-se perfeitamente bem que a zona rural servida por qualquer desses meios não pode ser considerada isolada do resto da civilização; está, ao contrário, nela integrada. Recebendo, pelo telefone, as notícias de todos os pontos do país e até do continente e, pelo rádio, não só notícias mas ainda a parte recreativa, a zona rural tem as distâncias anuladas, estando constantemente em contacto com o meio urbano. O saneamento é outra medida salvadora. Nesse capítulo, aliás, o Brasil, pela obra de Osvaldo Cruz e seus discípulos e continuadores, tem progresso considerável.

Nos Estados Unidos existe, além de tudo isto, nas zonas rurais, a "escola consolidada", fornecendo uma educação como se as crianças estivessem no melhor centro urbano. Situada em ponto equidistante de várias localidades, com serviço de transporte de ônibus para as crianças, ministradas, graças à organização e à aparelhagem que possui, a melhor instrução, acrescida das exigências particulares e das técnicas inerentes às necessidades do meio rural". (A. Carneiro Leão, Livro citado, páginas 47 e 48).

Vejam como é interessante e útil o estudo sociológico, folclórico e econômico das atividades agrícolas.

Tenho um "Sítinho" na Serra de Mairiporã, onde encontro poucos pés de Café centenários e ainda em franca produção (maturação desigual — clima frio — terra "massapé preta" — Altitude 1.000 ou 1.100 metros/nível do mar — vou iniciar uma experiência).

Voltemos à Sociologia prática.

Mestre R. Carneiro Leão adita esclarecimentos preciosos: "Quando estudamos o meio rural, preocupamo-nos primeiro com o solo, o clima e depois com as vias de comunicação e o transporte.

O desenvolvimento de uma zona qualquer está na razão direta das possibilidades e fertilidade de suas terras, dependentes das condições químicas do solo, do clima, da umidade do ar, dos ventos das chuvas, etc. Que problema grave constitui, por exemplo, a erosão das terras de determinadas regiões que empobrecem e decaem vertiginosamente se medidas adequadas e oportunas não intervierem em tempo! Em compensação que fonte de prosperidade e bem estar não significa a exploração inteligente de terras ricas!

Vemos perfeitamente explicada a formidável ascensão econômica de São Paulo pela cultura do café, condicionada imediatamente às condições químicas do solo, da terra, da umidade do ar, dos ventos das chuvas, etc. Que problema grave constitui, por exemplo, a erosão das terras de determinadas regiões que empobrecem e decaem vertiginosamente se medidas adequadas e oportunas não intervierem em tempo! Em compensação que fonte de prosperidade e bem estar não significa a exploração inteligente de terras ricas!

Veamos perfeitamente explicada a formidável ascensão econômica de São Paulo pela cultura do café, condicionada imediatamente às condições químicas do solo, da terra, da umidade do ar, dos ventos das chuvas, etc. Que problema grave constitui, por exemplo, a erosão das terras de determinadas regiões que empobrecem e decaem vertiginosamente se medidas adequadas e oportunas não intervierem em tempo! Em compensação que fonte de prosperidade e bem estar não significa a exploração inteligente de terras ricas!

A mesma influência dos ventos, da umidade do ar, da irrigação dos rios, dos lagos e, enfim, das condições climáticas se faz sentir para o florescimento da espécie humana. Hoje, naturalmente, com o aperfeiçoamento dos processos de refrigeração e aquecimento, a vida se está to-